

O POVO DE BRAGA

JORNAL POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS

Redactores o Bacharel J. A. Gomes Pereira e J. Leite.

N.º 16

Preço d'assignatura
Anno 1\$500 rs., semestre 900 rs.
e trimestre a findar em 30 de junho 500 rs. Os artigos assignados são extranhos á redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do Jornal, O POVO DE BRAGA, Typographia Lealdade, Rua de Jano. Vende-se por 40 rs. em todos os Kiosques da cidade.

Preço dos annuncios

Por linha..... 20 rs.
Repetição..... 10 .
Comunicados..... 20 .

1880

EXPEDIENTE

Áquelles srs. a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso jornal, e o não queiram receber, pedimos o obsequio de o devolver a esta redacção, para assim podermos regularizar os nossos trabalhos: caso o não façam, contal-os-hemos em o numero dos nossos assignantes.

BRAGA 22 DE JUNHO

Como estamos, mercê de Deus, em uma epocha de moralidade, achamos digno de completar o eloquente discurso do illustre parlamentar, o sr. dr. Pires de Lima, com o documento que abaixo inserimos.

Estamos certos de que o illustre deputado, não se quiz aproveitar d'elle, para remate do seu notavel discurso, pela extrema delicadeza que o distingue; mas, a nossa posição não nos impõe tão rigorosos deveres, por isso vamos dar-lhe publicidade, porque a julgamos necessaria e proveitosa.

Antes de o fazer explicaremos muito resumidamente os motivos que deram origem a esse documento authenticico.

Governava a diocese de Braga desde 1741, o sr. D. José de Bragança, tronco da nobilissima casa de Lafões, e irmão adoptivo de El-Rei D. João V.

Tinha o serenissimo prelado a seu serviço um estribeiro muito *fajardo*, que escudado com a pastoral protecção de S. Alteza, e ao abrigo d'ella praticara n'esta cidade, as mais torpes e vergonhosas patifarias.

Malquistou com ellas o prelado para com os seus diocesanos, e não sabemos bem se foi por sua causa tambem, que o principe arcebispo teve luctas gigantes com os conegos da sua cathedral. Fosse como fosse, o que é certo, é que umas queixas fundamentadas e provaas expostas ao monarcha, que tanto empenho mostrou em desenvolver o esplendor da religião, D. João V, fizera baixar pelo seu ministro, o celebre Alexandre de Gusmão, a carta de desterro que abaixo publicamos.

Ora hoje, no pontificado do sr. D. João Chrysostomo, tambem ha queixas documentadas, e mal-crenças da quasi totalidade dos seus diocesanos, com as circumstancias aggravantes, de que essas queixas e antipathias estão assoalhadas pela imprensa e verberadas pelo parlamento.

O que falta é sómente um estribeiro *fajardo*, sem comtudo haver falta de... de... gentilezas, igualmente memoraveis. O que se devia pois esperar? Era que á semelhança do que fez em outras eras, o ministro d'um rei absoluto, irmão natural do

prelado abatido na sua força moral, apparecesse um documento, que fosse — como que um tiro de misericórdia — e lhe salvasse por um simulado desterro, a dignidade que elle tão desgraçadamente tem desprestigiado.

Não succede assim, e todos tem as suas razões.

O que muito receamos, sr. Adriano Machado, é que v. ex.^a se veja ainda a braços com a *escrupulosa consciencia* do sr. D. João Chrysostomo, quando seja occasião delle soltar da gaveta da sua secretaria, as informações para o beneficio de Capareiros, como nos dizem que está acontecendo ao sr. Penha Fortuna a respeito do beneficio de Priscos.

O sr. D. João Chrysostomô é d'uma limpidez de consciencia e d'um respeito tal pelo provimento dos beneficios ecclesiasticos, que, em precebendo que para a sua consecussão intervem pessoas mais ou menos envolvidas em politica, presume desde logo a existencia d'uma maldita simonia, e não ha forças humanas que o fação desintroncheiar do invencivel reducto da sua pura, recta, sabia e semidivina consciencia.

E não haverá por ahí uma alma piedosa, que lembre ao cristalino prelado bracarense, umas blandicias e uns *munus ad manus et ad obsequium*, outr'ora empregados por s. ex.^a rev.^{ma}, segundo é voz publica, para obter a sua ascensão ao patriarcado de Lisboa?

Não haverá quem recorde ao *immaculado* arcebispo os motivos d'aquella crise politica que obrigou a cahir o ministerio, de que fazia parte o actual ministro das obras publicas?

Ah! Tartufos ridiculos, que mereceis vós mais, gargalhada ou açoute? Tudo é pouco. Eis o documento:

Serenissimo Senhor

— «Havendo chegado á noticia de S. M. as muitas desordens que ha n'essa cidade, e no governo da sua diocese, pelos irregulares procedimentos de Vossa Alteza, motivados pela ambição e maldade do seu estribeiro, querendo o mesmo Senhor evitar a continuação d'esses damnos sem fallar á sua justiça, nem desacreditar a vossa Alteza, é servido ordenar que d'entro de 8 dias se retire V. Alteza para fóra da cidade, em distancia de tres leguas, com o pretexto de visitar varias terras da diocese, pelas quaes viajará afim de que a sua ausencia não pareça — exterminio, sem embargo de não tornar para Braga, até que tenha licença, conservando porém em seu nome, e debaixo de sua direcção todo o governo do arcebisado. E quanto ao seu estribeiro, é S. M. servido, que V. Alteza o faça conter dentro das facultades do seu emprego, se quizer conservar-se n'elle, e evitar que o seu Rei o castigue.

Com esta desgostosa occasião tenho a honra de pedir a V. Alteza a sua benção, e muitos ensejos de servir a V. Alteza, que Deus guarde com feliz saude por muitos e dilatados annos.»

Lisboa no Paço a 3 de outubro de 174....

O DINHEIRO DOS POBRES

Lembramos ao sr. arcebispo primaz, a necessidade de distribuir peios pobres e em obras pias, os 40.000\$000 e tantos contos de reis que s. ex.^a rev.^{ma} tem em seu poder, provenientes das multas por dispensa de proclamas: e que, estando aferrolhados na gaveta de s. ex.^a, estão desviados do seu fim, porque nada aproveitam á humanidade.

É possivel que alguem lucre com o deposito d'essa avultadissima quantia: mas o que é certo, é que o pobre, a viuva envergonhada, o orfão desvalido que são tão senhores d'esses quarenta e tantos contos de reis, como o sr. D. João é senhor do seu *breviario*, esses estão morrendo á fome e á miseria, enquanto que o arcebispo de Braga se entretem a encartuchar aquelles milhares de libras!

Isto não póde assim continuar.

A pobreza de todo este arcebisado tem direito a ser soccorrida: e clama ao céu vingança o prival-a d'aquelles avultados soccorros, que a caridade publica lhe dispensa.

Entregue pois, sr. arcebispo, entregue aos pobres aquillo que lhes deve.

Missa por alma de Camões, e logo por cima um «Te-Deum».

Pergunta-nos o rev.^{mo} snr. padre Manuel F. S. e C. da freguezia de... do concelho de Terras de Bouro, se houve effectivamente no dia 10 do corrente, na igreja do Collegio, d'esta cidade, uma missa rezada por alma de Camões, e outros heroes portuguezes, e logo em seguida um *Te-Deum*?

Quer s. rev.^{ma} saber mais a nossa opinião a respeito d'este modo singular de fazer commemorações, ás quaes classifica com uma ferocidade pouco humana, — *de composto asnatico de cerimoniais.*

Vamos satisfazer á legitima curiosidade d'este furibundo padre mestre de cerimoniais, como soubermos e podermos.

É exacto, que no dia 10 foi rezada na igreja do Collegio a missa a que s. rev.^{ma} se refere, e logo em seguida cantado á Romana, em desafinado e irritante canto-chão, um *Te-Deum*. Se isto em lithurgia é asneira, ou sciencia, não sabemos, nem somos competentes para lhe dar opinião.

Na difficil e profunda sciencia de cerimoniais, tem s. rev.^{ma} aqui dous ho-

mens, que segundo nos affirmam são dous prodigios.

O primeiro, é o ex.^{mo} e bemaventurado Monsenhor Rebello de Menezes, que na tal sciencia equivale a uma bomba de dynamithe, que apenas a inflama espalha a muitos kilometros de distancia cerimoniaes, jenuflexões, reverencias e salamalekes que é um louvar a Deus. Outro é um padre cujo nome ignoramos, mas que segundo é voz publica, tambem não deixa nada a desejar.

Ora é a estas notabilidades, que o sr. padre Manoel deve recorrer e não a nós, que somos leigos e profanos em taes materias. Ora é certo que o simples bom senso inculca, que suffragar a alma d'uns sujeitos com missa rezada e *Te-Deum*, toma as formas d'uma asneira pyramidal: se porém esta commemoração por ser ao immortal Epico Portuguez está n'esses casos, é que realmente não sabemos decidir: o melhor sr. padre Manoel, é v. s.^a ir... ir... aos Theologos, vade ad Theologos.

O que lhe affirmamos é que o notavel author do artigo do fundo do *Commercio do Minho* do dia 8, que segundo alguém nos disse ter sido o sr. arcebispo primaz, convida a clerezia d'esta cidade, para irem ao templo commemorar a grande festa do tricentenario por aquella fórma, e como ultimamente o enthusiasmo pelo author dos *Lusiadas* se tem traduzido em todas as manifestações da intelligencia e actividade portugueza, desde os pasteis até aos empadões, e desde as gravatinhas para os collos gentis das damas, até aos chapéus para as cabeças do sexo feio; é muito possivel, que s. ex.^a rev.^{ma} cujo espirito reformador, tem tomado as proporções d'um esforço mais que humano, se extendesse tambem á lithurgia e assim como ha bolachas e confeitos á Camões, haja d'hoje para o futuro tambem suffragios á Camões.

?

Já podemos esclarecer os nossos benevolos leitores ácerca da interrogação, com que ha dous numeros lhe temos despertado a sua justa curiosidade, a respeito da enxada meada em que tem andado envolvidos tres professores do seminario de S. Pedro.

Eis o caso. Na ultima epocha de exames d'amissão no lyceu d'esta cidade, recommendou o sr. dr. Francisco Ribeiro de Vieira Brito, promotor fiscal do arcebispado, e professor de disciplinas ecclesiasticas no seminario de S. Pedro, um estudantinho, aos ex.^{mos} srs. p.^o Julio Celestino da Silva, e João Manoel Moreira, vogaes d'uma das mezas de portuguez.

O moço academico deu no seu exame taes provas de inhabilidade, que estes honrados e intelligentes examinadores entenderam que era uma grave injustiça aproval-o.

Isto é caso tão vulgar e tão frequente, que não ha por ahí niague a quem não tenha succedido.

E' um acto de delicadeza e de respeito a recommendação d'um estudante aos seus mestres; usa-se isto em todos os estabelecimentos onde se fazem exames, assim como em todos é costume, os examinadores depois de explorarem o alumno por todas as diversas secções das disciplinas sobre que examinem, aprovarem ou reprovarem, segundo o merito exhibido pelo estudante, sem prevenções nam odios, e sem consideração pelas pessoas que fizeram as recommendações; porque estas não podem ser recebidas além dos justos limites d'uma recta equidade, por professores que se respeitam e respeitam a nobre missão, que lhes está confiada.

Foi o que fizeram os srs. p.^o Julio, e Moreira. Todos n'esta cidade reconhecem e fazem justiça á inteireza de caracter, e á inquebrantavel rectidão de ss. ex.^{as} para suppor o contrario. Infelizmente para estes nobilissimos predicados, serviram no caso presente como é voz publica, para concitar da parte do sr. dr. Brito contra aquelles honrados professores do lyceu, as iras mais ferrosas e os odios mais inexhoraveis que ha muito tempo se viram; mas, que é bom que vão aparecendo visto que o sr. arcebispo primaz, tantos *exforços* tem feito para levantar o ensino, como tão immodestamente por ahí se apregõa n'esse *protesto espontaneo* lavrado pelos subditos *independentes* de s. ex.^a rev.^{ma}

Tudo isto é caricato e ridiculo, e tudo isto reclama em altos gritos, que surja n'esta diocese um espirito caustico e acerado, que dependure na gargalhada publica, esses calouros tonsurados, que passeiam pelas ruas d'esta cidade, tão inchados de importancia, que correm o risco de um dia os vermos com a pelle rota, pelo muito que já a trazem dilatada.

Ora que elles não se importem com a lição, que todo o homem deve tirar das moralisadoras e divertidas fabulas de La Fontaine ou de Phedro, isso pouco nos importa; mas que tenham mau genio, e figados damnados, isso é mais sério, e não lh'o perdoaremos nunca.

Pois que significa a guerra que o sr. dr. Brito tem movido ao secretario do seminario, obrigando-o a pedir a sua exoneração dos serviços que ali prestava, senão uma vingança pouco digna d'um ecclesiastico, collocado em alta posição official, e professor?

Pois que significa dizer s. ex.^a a proposito de reprovação do estudante, e com referencia ao sr. Moreira, que *quem não faz favores tambem os não merece* e desde logo promover-lhe uma guerra sem treguas, levando-o ao apuro de abandonar um cargo de confiança, para manter com nobreza a sua independencia?

Pois a aprovação d'um estudante é um favor? Por Deus. sr. dr. Brito, não venha inaugurar n'esta cidade tão absurda como abominavel legislação.

O examinador não deve ter nas mãos um A, ou um R, para d'elles fazer favores. A aprovação é um direito e não uma graça, assim como a reprovação é ou uma pena para os cabulas, ou um aviso de insufficiente habilitação. Ver um favor no primeiro titulo, é querer inculcar a errada e nociva theoria, de que o jury d'um exame não serve para apurar competencias scientificas, mas para satisfazer caprichos, ou pagar com titulo academico serviços recebidos.

Quando se ouvem semelhantes desaceretos, dá vontade de inquirir como se administra a justiça. Já por esses estabelecimentos onde o ensino foi elevado, e onde a desgraçada convicção dos individuos que os frequentam, está ainda exposta ás espionagens immoraes dos *Mantelonas* e seu rancho.

Tudo vae bem, e prasa aos ceos que assim continue por muito tempo, porque reeamos que a hora do desgano soe em dias de grande trovoadas.

Voltaremos ao assumpto, se tivermos tempo, espaço e paciencia.

?

Saber-nos-hão dizer quem será um *padre modello*, que fazendo parte d'uma embaixada japoneza de clerigos que para ahí foram a Cabanas, desanojar o sr. arcebispo pelos seus lugubres triumphos obtidos na camara dos deputados, deitou taes fallas a s. ex.^a, que o fez chorar de alegria e contentamento?

Quem será esse *virtuosissimo ecclesiastico*, que assim mereceu uma resposta do seu prelado toda repassada de textos biblicos e annexins populares, uma declaração d'amor, em que o sr. D.

João lhe affirmava que era elle um padre á altura da sua missão; e por fim o obsequiou com doce, vinho, flores, etc. etc.?

Esse clerigo que tão artisticamente soube tocar na corda sensivel do sr. D. João Chrysostomo, que lhe fallou tanto ao paladar, que s. ex.^a entendem ter encontrado a pedra filosofal da moralidade, será a caso aquelle que, na villa dos Arcos do Val-do-Vez, n'uma sexta feira santa, á noute, depois de largar a sobrepeliz, foi roubar umas galinhas, e depois as cozinhou n'uma taberna, embriagando-se tanto, que foi altas horas da noite, bater ás portas d'um alcouce; e como lh'o não quizessem abrir, attenta a santidade do dia, elle, o reverendo lhe pôz fogo, dando as torres signal d'incendio e aalrmendo-se toda a villa ao grito de *foi o padre J... da Vicencia que deitou o fogo* etc. etc., etc.; etc.?

Será este o tal orador consummado, o tal virtuosissimo clerigo, que o sr. D. João Chrysostomo declarou, ser um padre á altura da sua missão?

Esperamos que o *Monsenhor*, que anda sempre á cata dos padres piedosos e de espirito ecclesiastico, nos diga alguma cousa a este respeito, para tranquillidade do publico e desagravo da moralidade.

CUR ME MORDES?

Especulara um baixo e nojento adulator com as virtudes e mais dotes do imperador Segismundo; e para chegar aos seus fins, para obter uma desejada pretensão, ou para tornar benevolo o animo do monarcha, o aulico astuto e insinuante costumava tecer os mais rasgados elogios, mesmo *na presença do imperador*.

Subiu tanto a audacia do vil especulador, que uma vez, nos seus estudados raptos laudatorios, comparou aquelle monarcha á divindade. Segismundo, porém, que conhecia bem os segredos do coração humano, e cujas faces córaram ao ouvir aquelles encomios artisticamente preparados, levanta-se, e sem nenhuma palavra, despede uma tremenda bofetada nas faces d'aquelle torpe especulador.

Este, ao ver-se assim tratado, pergunta: Imperador porque me castigas? E Segismundo responde-lhe indignado *lizozeiro, porque me mordes? Cur me mordes?*

Estas considerações foram-nos suscitadas por esse vil, nojento, e ascoroso protesto, que alguns padres de Ponte do Lima vieram recitar á quinta de Cabanas, com o fim de blandiciar ao sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

S. ex.^a é o contrario do imperador Segismundo: não se dá por offendido com os louvores que lhe são dirigidos na sua presença. Delambe-se, incha-se, enche-se de si mesmo, ao ouvir aquellas doces palavras, e não conhecendo, nem mesmo percebendo o jogo de que está sendo alvo, o sr. D. João Chrysostomo não descarrega bofetadas sobre os lizozeiros e adultores, mas sim dispensa-lhes sorrisos, da-lhes cordiaes agradecimentos, e por fim offerece lhes doce e vinho em abundancia!!

Abaixo publicamos o tal protesto dos clerigos de Ponte do Lima, *montão de lixo, flatum ventris*, com que tanto se delicia o sr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa.

Publicamol-o, porque tendo nós de ser, em o numero seguinte, severos para com ss. rev.^{mas}, queremos que os nossos leitores saibam que é só devido á baixeza do delicto, o rigor e excessiva aspereza do castigo.

A uma acção deleteria deve seguir-se uma reacção organisadora.

Eis as taes lérias dos clérigos de Ponte do Lima :

Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Senhor.

Os ministros da Religião teem sido em todas as epocas alvo de affrontas violentas e de criminosas aleivozias, que lhes tem despedido a mão da impiedade, tentando por tal sorte ferir a propria religião.

A barca de Pedro superior a todas as tormentas, tem transposto sem avaria as mais encapelladas ondas, deixando confundidos os seus mais encarniçados inimigos; e os Ministros da Santa Religião de Christo, soffrendo com resignação evangelica as maiores offensas, teem feito convencer a impiedade de quanto são baldados os tramas porque pertende deprimir a santidade das suas crenças.

Tudo o que é grande, desperta sempre, só porque o é, a emulação e a inveja, que produzem os malevolos detractores. Contra a religião de Jesus Christo, não tem faltado maldiscentes; e os respeitaveis de seus ministros tem sido sempre aquelles que a maledicencia tem pretendido deprimir.

O mais humilde delegado de V. Exc.^a Revd.^{ma}, — o arcepreste de Ponte do Lima — e os ecclesiasticos do seu districto, compenetrados d'estas ideias e certos de que V. Exc.^a Revd.^{ma} allia á grandeza da sua elevada posição social, como prelado da Igreja e Primaz das Hespanhas, a maior grandeza ainda d'incontroversas virtudes, e d'um superior talento, manifestado em todos os actos de sua vida e especialmente no governo e administração d'esta importantissima archidiocese, não estranham que contra V. Exc.^a Revd.^{ma} se levantem calumnias e aleivozias.

Não estranham que contra o prelado virtuosissimo, contra o distincto orador, contra o douto theologo, se architectem infamias, que mais ferem a mão, que as arroja, que o alvo a que se dirigem.

Não estranham, finalmente, que parte da imprensa periodica — ao serviço muitas vezes, dos mais torpes e abjectos sentimentos — se preste a dar publicidade e vulto ás calumnias e diffamações com que a vilissima inveja e a maledicencia pertendem denigrir o respeitabilissimo caracter de V. Exc.^a Revd.^{ma}.

Mas os sinceros admiradores das acrisoladas virtudes, que adornam o magnanimo coração de V. Exc.^a Revd.^{ma}, certos do muito que esta archidiocese deve á rectidão, com que V. Exc.^a Revd.^{ma} a tem administrado, sem deixar de exercer a sua natural benevolencia; conscios da solicitude, com que V. Exc.^a Revd.^{ma} promove a extirpação dos abusos, fomenta a educação do clero, e todos os mais ramos de serviço e melhoramentos, lamentam que a cegueira das paixões não deixe ver aos detractores de V. Exc.^a Revd.^{ma} um digno successor dos venerandos D. Fr. Bartholomeu dos Martyres e D. Fr. Caetano Brandão, no actual prelado bracarense. E' esse o sentimento de seu coração; mas a sua consciencia ferir-se-hia de remorsos, accusal-os-hia d'uma quasi cumplicidade, se não protestassem com todo o vigor da sua indignação contra o insolito procedimento dos que, propalando infamias pela imprensa, ousam calumniar o seu dignissimo prelado.

E foi para dar satisfação aos dictames da sua consciencia e nunca por obediencia a lisonjas, que o mais indigno arcepreste d'esta diocese, e os ecclesiasticos do seu districto formularam por escripto o protesto que tiveram a honra de fazer subir ás venerandas mãos de V. Exc.^a Revd.^{ma}, protesto, que o arcepreste de Ponte do Lima, os parochos e mais ecclesiasticos presentes, por si e em commissão de todos mais ecclesiasticos do seu districto veem pessoalmente ratificar e confirmar, significando ao mesmo tempo a V. Exc.^a Revd.^{ma}

o seu desagrado e absoluta reprovação contra as offensas e calumniosas imputações de que está sendo victima na imprensa periodica o seu muito amado e respeitabilissimo prelado.

Os malevolos detractores de V. Exc.^a Revd.^{ma} não de ver n'este procedimento um frivolo cumprimento, e talvez uma baixa lisonja, para captivar a benevolencia de V. Exc.^a Revd.^{ma}, mas o venerando Prelado, cujo levantado caracter a nação reconhece e admira, que pela superioridade do seu talento e das suas virtudes repelle a adulação, e a opinião publica sensata, não de fazer justiça á pureza d'intenções d'estes humildes sacerdotes, não de ver n'elle simplesmente um solemne testemunho d'amor ao seu Venerando Prelado, de preito e veneração pelas insignes qualidades que exornam a sua sagrada pessoa, quer como homem, quer como alto dignatario da nação e Principe da Santa Igreja.

Todos nós, Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor, e todos os ecclesiasticos do districto ecclesiastico de Ponte do Lima, que ora aqui se apresentam, são testemunhas da solicitude verdadeiramente paternal, com que V. Exc.^a Revd.^{ma} propugna pelos melhoramentos e progressivo desenvolvimento de tudo o que respeita á moral e religião n'esta diocese; e é por isso mesmo que mais fortemente somos impellidos a protestar contra as calumnias, que se assaçam á veneranda pessoa de V. Exc.^a Revd.^{ma}, e que mais se acrisola o amor, admiração e respeito que lhe votamos e que, como nós, lhe votam todos os que presam sinceramente a virtude e o talento.

Mas se a calumnia vil pôde servir de afflictção a V. Exc.^a Revd.^{ma}, sirva de consolação ao venerando Prelado a justiça que lhe fazem os homens, que não abrigam no peito o veneno da maledicencia e a lembrança do que succede no mundo physico: o furacão deixa na sua passagem a debil planta e não poupa a arvore gigante, que lhe offerece resistencia.

As virtudes provadas de tão digno Prelado confundem os maldizentes; e nós rogamos ao Altissimo, que conserve a sua preciosa vida por longos annos, e a V. Exc.^a Revd.^{ma} que nos lance a sua benção, que reverentemente aguardamos.

Antonio Joaquim da Costa e Sousa, arcepreste.

José Pereira Lima, abbade de Calheiros.

Antonio Joaquim de Puga, abbade de Correlhã.

Joaquim José Gonçalves da Silva, abbade da Ribeira.

Antonio Julio da Rocha, abbade de Gondufe.

José Pereira d'Amorim, prior de S. Martinho da Gandra.

Fortunato Antonio da Cunha Almeida, abbade de Fornellos.

José Luiz Dantas da Costa, reitor de Rendufe.

João Baptista Pereira Vianna, abbade de Gemieira.

Bacharel José de Castro Sousa e Silva, presbytero de Ponte de Lima.

Padre Antonio José Fernandes, encomendado da Feitosa.

Padre Luiz Gonçalves, encomendado da Queijada.

Padre Joaquim José Rodrigues, de S. João da Ribeira.

Antonio José Pereira d'Amorim, abbade do Salvador d'Estorãos.

José Antonio d'Amorim, reitor da Labruja.

CARTA D'UM EGRESSO FRANCISCANO
ao seu carissimo irmão, o excellentissimo senhor D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, actual Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas etc. etc.

II

Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor e meu carissimo Irmão:

Se as tribulações são o crisol onde se purifica a paciencia do justo, feliz, mil vezes ditoso do meu Prelado, que ora se eleva em merecimentos perante o nosso Deus, sacrificando nas doces aras da resignação, a sua innocencia tantas vezes perseguida, e hoje mais que nunca vilipendiada.

São mimos do céu as perseguições cá da terra: e V. Ex.^a, tão ultrajado e abatido perante os homens, deve gloriar-se no Senhor, que assim lhe envia lá do alto tão fortes provações, e o habilita a receber aquella abundante recompensa de gloria, que está promettida aos que soffrem perseguições por amor da justiça e são odiados por amor da verdade. (a)

Mas não é só do alto, não é só do céu, que tem vindo a graça e poderosos auxilios ao meu Prelado: da terra, d'entre os homens, d'entre os filhos e d'entre os subditos, teem-se erguido vozes amigas, ministrado dôces consolações, dedicado filiaes affectos e consagrado amorosos enternecimentos.

Nunca Deus abandona os seus elleitos: e se o fragil salva-vidas embora pequenino e desarmado, resistindo sempre á furia dos ventos, nunca se deixa vencer pela força das tempestades, a constancia e admiravel resignação de V. Ex.^a Revd.^{ma}, no meio d'este revoltado mar d'insultos, de calumnias e de baldões, o tem perseverado dos perigos da malevolencia, dos naturaes instinctos da vingança, e das repetidas tentações do peccado.

E' que está escripto no livro de Deus: — soffrei com paciencia as tribulações da vida, e assim possuireis em doce paz, o eterno destino de vossas almas afflictas. (b)

Senhor! o espectáculo que hoje estamos presenciando, em virtude d'esse inspirado e tão eloquente protesto do corpo docente do seminario archidiocesano d'esta cidade, é grande, é magestoso, é sublime.

Inspirados nos mais gratos sentimentos d'um amor filial, guiados tão sómente pelas nobres e elevadas ideias da verdade e da justiça, escrevendo com aquella liberdade e izempção proprias de homens verdadeiramente independentes e cavalheiros, expressão-se d'esta fôrma aquelles sabios e tão dignos professores:

Ill.^{mos} e Rev.^{mos} Srs :

«Protestâmos, como catholicos e especialmente como ecclesiasticos e como professores de ensino secundario do seminario conciliar de Braga, contra todos os insultos, contra todas as accusações, contra todas as injustiças, que os inimigos do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa teem propalado pela imprensa com o fim de denegrirem a reputação d'este sabio, activo e virtuoso Prelado Bracarense.»

Documento verdadeiramente admiravel! e digno da alta sabedoria do Areopago bracarense!

Sentença suprema! que fulminando a calumnia até aos abyssos, eleva até ao céu, a pureza, — a candura, — e a innocencia do meu carissimo irmão, Fr. João de Cantanhede!

Ditoso, pois, d'este filho tão amado de Francisco Assiz! que assim está merecendo de Deus e dos homens; e que pôde hoje levar a effeito esse grande pensamento, para cuja realisação de balde trabalhou até o proprio Salvador. (c)

Sim! V. Ex.^a Revd.^{ma} reúne hoje sob o seu manto a todo o clero bracarense: e o protesto por este firmado é, não só a pedra a mais preciosa que hoje refulge na mitra do Primaz das Hespanhas, mas sobre tudo o desmentido o mais formal, e a refutação a mais completa

(a) *Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam, quoniam ipsorum est regnum celorum.* Matth. 5. v. 10.

(b) *In patientia vestra possidebitis animas vestras.* Luc. 21 v. 19.

(c) *Jerusalem, Jerusalem, quoties volui congregare filios tuos, quemadmodum gallina congregat pullos suos sub alas, et noluiti?* Matth. 23 v. 37.

de todas as acusações, de todas as calumnias, e de todas as aleivosias propaladas pela imprensa, contra a honra e dignidade do inclito e preclaro arcebispo, D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

Mas, Senhor, nem todos pensão d'igual modo: e os maledicentes, os calumniadores por officio, espalham aos quatro ventos da publicidade ideias subversias, doutrinas verdadeiramente falsas, e em diametral opposição a essas que eu deixo expendidas.

E quer V. Ex.^a saber o que por ahí dizem, pelas praças e pelas ruas, os taes maledicentes?

Dizem, Senhor, «que esse mal-fadado protesto é um padrão d'ignominia, é a eterna vergonha do actual arcebispo de Braga!

Dizem que elle é a prova a mais clara e evidente das terríveis acusações dirigidas pela imprensa, contra V. Ex.^a Rev.^{ma}.

Em seu furor d'atassalhar reputações ilibadas, os taes maledicentes não trépida ao formular o seguinte argumento:—ou as acusações dirigidas pela imprensa contra o arcebispo de Braga são verdadeiras, ou ellas são falsas.

Se são verdadeiras, o sr. D. João Chrysostomo já deveria ter resignado o arcebispado.

E fóra das portas da cidade, n'esse mesmo lugar, onde, no dia de sua entrada solenne, elle promettera que=*havia de fazer consistir toda a grandeza do seu merecimento no cumprimento dos seus deveres, e na pratica da virtude (d)*=ahí, n'esse mesmo lugar, confessando que nem tinha sido virtuoso, nem tão pouco cumprido com os seus deveres, o Primaz das Hespanhas deveria ter largado a mitra para a não rebaixar, e deposto o baculo p'r'o não polluir.

E se as acusações são falsas, então o Arcebispo de Braga, se tivesse honra, brios e dignidade, teria como homem de bem que preza o seu nome, chamado esses periodicos á responsabilidade, exigindo nos tribunales a reparação da sua fama. Como funcionario publico que é, ter-se-hia dirigido á camara alta, e ahí, na sua cadeira de par, desafrentaria a sua honra offendida, e desviaria com dignidade essa luva, que lhe fóra arremessada da outra caza do parlamento.

E finalmente, como bispo, como pastor do rebanho de Jesus-Christo, teria, se elle estivesse á altura do cargo que exerce, teria escripto uma carta pastoral ao seu rebanho, pedindo um prece por seu coração attribulado, refutando uma por uma, todas as acusações que manchavam sua innocencia offendida.

Não o fez porém assim, porque impossivel era o fazel-o.

As arguições que lhe foram dirigidas (dizem ainda) eram infelizmente verdadeiras!

E então, o Arcebispo de Braga na alternativa de resignar airoosamente a sua mitra, ou continuar a collocar-a na cabeça, deixando enxergar pór baixo d'ella, estampada em sua fronte senil, aquella letra que a piedade d'um nosso rei mandou que não mais se estampasse, o incriminado Arcebispo prefere continuar com deshonra, ao resignar com brios e dignidade!

E' que não cabe em corações pequenos, o heroismo dos grandes desprendimentos!

E então, a philauca, o orgulho, a altivez do Primaz das Hespanhas, que sempre se mostrara forte e inflexivel para com os pequenos e desprotegidos, verga-se agora, rebaixa-se, humilha-se até ao pó, rojan-lo-se aos pés do ministro da justiça, protestando a sua innocencia fementida, e implorando uma defeza official!

Foram sempre assim os cobardes, e os tyranos da antiguidade!

E' que um abysmo chama sempre por outro abysmo: e depois d'uma baixa comedia, segue-se quasi sempre uma farça ridicula!

E farça ridicula, baixa e despresivel tem sido esse protesto espontaneo, com todas as suas peripecias!

Escrepto dentro das salas do paço archiepiscopal, inspirado pelo proprio arcebispo, collaborado pelo seu secretario, por um pro-

fessor do curso theologico, e pelo Promotor Fiscal das justicas ecclesiasticas, esse documento é um opprobrio para o defendido, e uma eterna vergonha para os defensores.

Bem longe de destruir as terríveis acusações feitas ao Arcebispo de Braga, esse protesto serve apenas para se medir por elle, o rebaixamento do nivel da corte ecclesiastica bracarense, e para se pezar a nenhuma d... dos seus signatarios.

Sim! esse vergonhoso protesto é tão indigno, como philaucioso; e tão inutil, como contraproducente.

E se nós o considerarmos em si mesmo, elle é tambem mentiroso, é impio, é immoral, é subversivo, estulto e assaz ridiculo. «Eis como racionam os maledicentes.»

É INDIGNO para o Arcebispo de Braga, porque o colloca na deploravel situação de um interdito, que não podendo por si mesmo desafrentar a sua honra offendida, precisa que o corpo docente do seu seminario arborado em conselho de familia, o desafrente. E deve ser bem triste para um prelado, o ver-se assim reduzido á imbecillidade!

É PHILAUICIOSO, porque não estando o sr. D. João Chrysostomo declarado como tal, não querendo, ou não se importando com as arguições que a imprensa lhe dirige, quem será tão audaz, quem tão pouco circumspecto, que se atreva a intrometter-se em questões d'honra, n'aquillo que o primaz das Hespanhas deve ter de mais querido e apreciavel?

Se elle entende que a sua honra não periga, para que embriam os professores do seminario a querer salva-la?!

É zelo demazado, que transforma n'um =Heroe á força,=o vulto senil do incriminado Arcebispo de Braga.

É INUTIL, porque não designando os professores as acusações contra que protestam, nem tão pouco apontando os inimigos do Prelado, esse protesto tem maior extenção que a accusação; prova de mais, e=*quod magis probat nihil probat*= é na logica uma lei tão fatal, que nem o corpo docente, nem toda a clerezia, nem o Arcebispo de Braga, nem o proprio papa, serão capazes de destruir.

É CONTRAPRODUCENTE, porque pretendendo os protestantes elevar ao sr. D. João Chrysostomo no conceito do publico, o publico, no seu bom senso, conhece que é este o ultimo recurso d'uma causa perdida; e reconhece que não é com protestos fementidos, que se destroem accusações provadas.

Não se illude d'est'arte a opinião d'uma sociedade inteira!

É MENTIROSO porque os professores do seminario sabem melhor do que ninguem, que são verdadeiras as acusações que se fazem ao sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa. Alguns d'elles que já foram parochos, nos seus archivos, o sr. Arcipreste nos papeis dos seus padres, o sr. Promotor na sua secretaria, e o proprio sr. Pêna Fortuna nos memoriaes dos pretendentes do seu circulo, lá têm as provas as mais claras e evidentes da verdade das accusações feitas ao prelado bracarense.

Os subscriptores do protesto negam a verdade conhecida como tal: mentem aos homens que os julgam, mentem a Deus que os condemna, e mentem á sua consciencia que os accusa.

Mais uma vez se pôde dizer hoje com verdade: *mentita est iniquitas sibi.* (e)

É IMPIO, porque invocando o nome de catholico, revestir-se da auctoridade moral que a igreja dá a seus filhos, para mentir, para adular, para cobrir com a sua responsabilidade um acerbo d'iniquidades, é affrontoso para a igreja, é indigno de mais para um christão, é injurioso para a divindade.

O primeiro dever do catholico é fallar sempre verdade, porque Deus é a verdade por essencia.

E' IMMORAL, porque revestirem-se os protestantes de sobrepeliz e estóla, apre-

sentarem-se como ecclesiasticos, como ministros d'o Deus de toda a verdade e justiça, para mais facilmente poderem illudir o publico, é d'um impudor e d'uma immoralidade a toda a prova.

Elles que deveriam ser o=*sal da terra*, (f)= são os primeiros a apoiar e a applaudir a corrupção e morbidez, que vae correndo a mitra do primaz das Hespanhas!

Elles que deveriam ser a=*luz do mundo*, (g)= são os primeiros a chamar ao vicio virtude, ao impudor dignidade, ao arbitrio lei, á iniquidade justiça.

Querem fazer obscurecer a luz da verdade, para que nas trevas, tripudie infrene o despotismo, a ambição, e demasiado orgulho do actual arcebispo de Braga!

É SUBVERSIVO, porque creando uma nova jurisprudencia, faz desaparecer da sociedade a acção da justiça, o imperio das leis e o rigor dos castigos. D'hoje em diante, feche s. ex.^a rev.^{ma} as salas da sua Relação, quebre as varas da justiça, e demitta todos os officiaes d'ella, porque tudo isto hoje se tornou inutil! Se algum estudante do seu seminario fizer uma assuada aos professores, um protesto dos condiscipulos terá demonstrado a innocencia do accusado. Se um padre qualquer fór denunciado como indigno, um protesto espontaneo da clerezia, e fica logo illibada a sua reputação: e se um parochos se auzentar do seu beneficio, se passar uma certidão visivelmente falsa, ou se viver com publico escandalo, ahí não, não receie pela sua sorte, porque um protesto espontaneo dos seus freguezes prova até á evidencia, a verdade do documento, e a santidade da sua vida!

Taes são as funestas consequencias, que no futuro, se devem tirar d'esse escandaloso e subversivo protesto.

É ESTULTO, porque invocar os protestantes a sua qualidade de professores, para dar um certo cunho de respeitabilidade a esse documento que tanto compromette ao sr. arcebispo primaz, é d'uma prodigiosa insensatez, d'uma audacia que se mede pela sua ignorancia, e d'um atrevimento que só pôde ser inspirado pela sua estulticia.

Os professores do seminario devem ser homens de sciencia e de prudencia. Como sabios, deveriam ter maduramente pezado o alcance das reflexões que nós acabamos de fazer; e como prudentes, reconhecendo que nada aproveitava ao prelado o tal protesto, e que nenhuma utilidade d'elle resultava para a sua causa, deveriam ter-se absteido de protestar, nunca esquecendo aquella grande sentença que diz: *nisi utile est quod facimus, estulta est omnis gloria.*

Finalmente é REDICULO e assaz BEXIGUEIRO: porque sendo aquelle documento escripto em forma de carta, corre grave risco de se extraviar por falta de destinatario; e sendo assignado por quatorze professores que se dizem ecclesiasticos, apparecem-nos cinco casa los á face da igreja, e alguns d'elles com um rancho de filhos ao seu lado!!

É farça demaziadamente ridicula para ser representada pelo Areopago bracarense!

Não se deveria descer tão baixo, quando se trata da honra do arcebispo de Braga!

Feche-se pois, a porta d'esse seminario, em signal de lucto: e oxalá não estremeçam hoje na fra campa, os restos mortaes do seu grande fundador!

Eis, Senhor, o que se diz pelas praças e pelas ruas: isto é tudo falso: eu reprovoo essas doutrinas, protesto contra ellas, mas infelizmente o escandalo cresce, e cresce tanto, que eu temo um castigo visivel do céu, contra esta raça infame de maledicentes, povo carregado de peccados, descendencia perversa, e filhos malvados. (h)

(Continúa.)

(f) *Vos estis sal terrae.* Matth. c. 5 v. 13.

(g) *Vos estis lux mundi.* Matth. c. 5 v. 14.

(h) *Isaiae c. 1 v. 4.*